

OS CAMINHOS DA LEITURA: CONTRIBUIÇÕES DE VERA WANNMACHER PEREIRA

Brendom da Cunha Lussani¹

Resumo: A presente entrevista com a professora Dra. Vera Wannmacher Pereira apresenta uma reflexão sobre a leitura como processo cognitivo complexo, articulando contribuições da Psicolinguística, da Linguística Aplicada e das práticas de ensino na educação básica. Ao longo do diálogo, a pesquisadora revisita sua trajetória acadêmica e profissional, destacando marcos de sua atuação na formação de professores e no desenvolvimento de estudos sobre compreensão leitora, estratégias cognitivas e metacognitivas, predição e consciência linguística. Durante a entrevista destaca-se a importância da integração entre pesquisa e ensino, bem como os desafios para a transposição dos conhecimentos científicos para o contexto escolar. Além disso, são discutidas questões relativas à formação inicial e continuada de professores, ao papel das avaliações em larga escala e às contribuições de eventos científicos para a circulação do conhecimento. Por fim, a professora aponta perspectivas futuras para os estudos da leitura no Brasil, enfatizando a necessidade de diálogo interdisciplinar e de fortalecimento das bases científicas no ensino da linguagem.

Palavras-chave: entrevista; leitura; psicolinguística; compreensão leitora; formação de professores.

READING PATHWAYS: CONTRIBUTIONS OF VERA WANNMACHER PEREIRA

Abstract: This interview with Professor Vera Wannmacher Pereira discusses reading as a complex cognitive process, drawing on contributions from Psycholinguistics, Applied Linguistics, and teaching practices in basic education. The dialogue revisits her academic trajectory, emphasizing her work in teacher education and in studies on reading comprehension, cognitive and metacognitive strategies, prediction, and linguistic awareness. It highlights the importance of integrating research and teaching, as well as the challenges of transferring scientific knowledge to school contexts. The interview also addresses issues related to initial and continuing teacher education, large-scale assessments, and the role of scientific events in knowledge dissemination. Finally, it points to future directions for reading research in Brazil, emphasizing the need for interdisciplinary dialogue and for strengthening the scientific foundations of language teaching.

Keywords: interview; reading; psycholinguistics; reading comprehension; teacher education.

1 Doutorado em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil(2025). Pós-Doutoramento da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, Brasil.

INTRODUÇÃO

A trajetória acadêmica e profissional da professora Vera Wannmacher Pereira mistura-se de forma significativa no campo dos estudos da linguagem, especialmente na interface entre Linguística Aplicada, Psicolinguística e ensino da leitura. Com uma sólida formação em Letras e atuação destacada na formação de professores e na pesquisa sobre compreensão leitora, a professora Vera tem contribuído para a consolidação de uma perspectiva que compreende a leitura como um processo cognitivo complexo resultado de ações cognitivas e metacognitivas.

Ao longo de sua carreira, sua produção se consolidou pelo diálogo constante entre teoria e prática, evidenciando o compromisso com a escola e com a qualificação do ensino da leitura na educação básica. Nesse contexto, destacam-se suas investigações sobre estratégias de leitura, predição leitora, consciência linguística e o papel do conhecimento prévio na construção de sentidos, bem como sua atuação na orientação de pesquisas de mestrado e doutorado e na formação continuada de professores.

Além de sua contribuição acadêmica, a professora Vera idealizou a *Jornada Internacional de Alfabetização*, espaço de encontro e diálogo entre pesquisadores, professores e profissionais da educação, que tem desempenhado papel relevante na circulação e discussão do conhecimento científico sobre leitura e alfabetização no Brasil.

Assim, a presente entrevista busca, portanto, apresentar e problematizar aspectos centrais da trajetória intelectual e das contribuições teóricas e pedagógicas, da professora Vera Wannmacher Pereira, bem como evidenciar desafios contemporâneos e perspectivas futuras para o ensino da leitura e a formação de leitores no contexto brasileiro.

Você poderia contar um pouco da sua trajetória acadêmica – especialmente como se deu sua formação em Letras com ênfase em Linguística Aplicada e a entrada na Psicolinguística da leitura?

Vera Wannmacher Pereira (doravante VP) – Fiz graduação em Letras - Língua Portuguesa², mestrado³ e doutorado⁴ em Linguística Aplicada. Meu interesse em Psicolinguística ocorreu especialmente no doutorado e no pós-doutorado⁵. Esse interesse esteve sempre voltado para o ensino escolar e se firmou na relação que fui estabelecendo com os pós-graduandos.

2 Licenciatura em Letras pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA), em 1973.

3 Mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 1978.

4 Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 1988.

5 Refere-se ao seu primeiro pós-doutorado realizada em 2011 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob supervisão da professora Dra. Leonor Scliar-Cabral.

Quais foram os principais marcos que definiram sua atuação como pesquisadora e orientadora ao longo dos anos?

VP - Desenvolvi continuados estudos sobre ensino da leitura, pois fui também professora de Ensino Fundamental, dando continuidade ao Curso Normal que realizei como Ensino Médio. Essa condição estimulou muitos mestrandos e doutorandos a me procurarem para suas pesquisas, especialmente os que também haviam sido professores de escolas.

Em suas pesquisas, você privilegia a abordagem da leitura como processo cognitivo ativo (predição, inferência, consciência linguística). Como você definiria essa perspectiva para um público de professores e estudantes de Letras?

VP - Não é algo simples. Procuro definir essa perspectiva a partir das concepções psicolinguísticas de: gênero/tipo textual; variáveis da leitura – objetivo de leitura/natureza do material de leitura/conhecimentos prévios/pistas linguísticas do texto; cognição/metacognição; processamento da leitura – ascendente/descendente/interativa; uso da língua/consciência no uso da língua; estratégia de leitura cognitiva/metacognitiva.

Quais são as principais dificuldades que leitores encontram hoje, segundo suas investigações?

VP - Minhas percepções estão vinculadas ao foco dos estudos que realizo. As dificuldades dos estudantes estão associadas ao manejo dos conceitos mencionados anteriormente, o que, por sua vez, está associado ao tratamento dado pelos professores. Esses conceitos estão pouco presentes no cotidiano escolar, pois o trabalho parece ser guiado por escolhas espontâneas dos professores.

Qual é a importância das estratégias de leitura para o desenvolvimento da compreensão textual?

VP - As estratégias de leitura são procedimentos cognitivos e metacognitivos, que consideram as variáveis de leitura. Desse modo, se bem manipuladas contribuem para a produtividade da compreensão textual. Essa é sua grande importância.

Em seus estudos sobre predição leitora e consciência linguística, quais são os achados mais relevantes para a prática de ensino da leitura?

VP - Os estudos mostram sempre que recortes psicolinguísticos precisos que consideram os níveis de consciência linguística e as unidades linguísticas focalizadas contribuem para a prática da leitura. Em relação à predição, é possível perceber seu apoio na estratégia de inferência e sua colaboração para a compreensão textual. Também é possível perceber que as estratégias de leitura se compõem em rede com um lugar destacado para a predição.

Como você vê o papel das tecnologias (ambiente virtual, e-books, audiobooks) nas estratégias de leitura dos estudantes?

VP - As tecnologias usadas livremente pelos estudantes estimulam o uso de estratégias de leitura diversas, embora sem um exercício com controle produtivo,

dependendo de escolhas espontâneas. Daí a importância de a escola incluir esses artefatos no trabalho escolar com apoio em ensino explícito.

Quais efeitos a predição linguística pode ter no desempenho leitor? Há evidências empíricas que sustentem sua aplicação no cotidiano escolar?

VP - Os estudos mostram essa correlação, evidenciando que a predição linguística estimula o aprendizado das demais estratégias, o manejo das pistas linguísticas que compõem os materiais de leitura e a ativação dos conhecimentos prévios dos leitores. Nessa correlação, a compreensão textual é beneficiada.

Ao longo da sua trajetória, suas pesquisas mantêm forte diálogo com a escola básica. Quais são, a seu ver, os principais desafios para que os resultados da pesquisa em Psicolinguística da leitura cheguem efetivamente à sala de aula?

VP - Os desafios estão em decisões que delineiam e norteiam os documentos oficiais, os livros didáticos, a formação inicial dos professores, a sua formação continuada e a adesão dos estudantes e seus familiares. Há que estabelecer conversas entre autores, pesquisadores, professores, estudantes e familiares explicitando esses resultados. Quanto aos pesquisadores, é preciso que considerem importante pesquisar o ensino da leitura e que escrevam textos relatando seus estudos. Da parte das agências de fomento, é desejável que valorizem esses estudos por meio de editais nesse direcionamento. Em relação aos documentos oficiais e aos livros didáticos, é necessário haver uma atualização teórica e metodológica, envolvendo seus diversos atores. Quanto à formação dos professores, o diálogo entre universidades e escolas é indispensável no planejamento e na execução. Tais encaminhamentos, que colocam a pesquisa e o ensino nas mãos de todos os envolvidos, são basilares para a interação ensino e pesquisa, condição de fundo para a construção e discussão cooperativa de documentos, materiais de ensino, instrumentos de pesquisa e provas de avaliação.

Muitas pesquisas sobre leitura ainda permanecem restritas ao meio acadêmico. Que caminhos você considera mais promissores para aproximar universidade, escola e políticas públicas de educação?

VP - Esses três eixos devem atuar em interação, desenvolvendo estudos, construindo materiais didáticos e realizando cursos/seminários/ciclos de debates em parceria, de modo a atenuar e eliminar as linhas de segmentação e afastamento.

Em seus estudos, a compreensão leitora é analisada como um processo complexo, que envolve léxico, inferência, memória e conhecimento prévio. Como essa visão pode contribuir para superar práticas de ensino excessivamente mecanizadas da leitura?

VP - Creio que a resposta está de certo modo na própria pergunta. Esse processo complexo deve contar com os elementos apontados e com outros que compõem o uso da língua e a consciência nesse uso, aproximando Psicolinguística e disciplinas afins, campos de estudos psicolinguísticos e objetos de observação psicolinguística.

Como você avalia o papel da avaliação da leitura – especialmente avaliações em larga escala (PISA, SAEB) – na relação entre pesquisa acadêmica e ensino? Elas contribuem ou limitam o trabalho pedagógico?

VP - Nas relações que tenho estabelecido com escolas, tenho percebido que há muitas dúvidas sobre essas avaliações. As chances de adesão aumentariam se o processo tivesse uma organicidade clara, o que não é simples, pois os espaços geográficos, as instituições e os atores participantes têm suas propriedades e suas buscas. Assim, as tentativas de convergência frutificam pouco tanto para a obtenção de resultados avaliativos com evidências confiáveis como para a obtenção de caminhos pedagógicos com possibilidades de favorecimento do ensino e da aprendizagem. É preciso examinar o assunto com muita atenção para fazer os ajustes necessários que contribuam para o trabalho pedagógico escolar.

A pesquisa empírica em leitura frequentemente revela discrepâncias entre o que se ensina e o que os alunos efetivamente compreendem. Que implicações esses achados trazem para o planejamento didático em Língua Portuguesa?

VP - Esses achados indicam que o aprendizado desejado e o ensino realizado não têm a necessária correspondência. Nem no planejamento didático nem em sua execução. Urge, então, uma observação aguda dos encaminhamentos escolares e uma atitude firme para alteração da situação.

Em sua experiência como orientadora, que aspectos metodológicos considera essenciais para pesquisas que investigam leitura e compreensão em contexto escolar?

VP - A metodologia de pesquisa da leitura e da compreensão tem muitos direcionamentos. Como orientadora, estímulo os alunos a refletirem sobre o trabalho que desenvolvem com seus alunos e sobre o que professores costumam desenvolver. A partir dessa reflexão, estímulo a levantarem problemas que vêm identificando, analisando relevância, viabilidade e interesse. A partir desses pontos iniciais, converso com eles sobre possíveis recortes teóricos e procedimentos metodológicos – o delineamento do estudo, o problema central, as questões de pesquisa, a seleção dos textos, a natureza dos instrumentos e os modos de coleta e tratamento dos dados. Nessa conversa, comento com eles sobre a importância e a possibilidade dos diversos caminhos, cabendo aos estudantes avaliarem suas próprias possibilidades.

É possível afirmar que ainda há um distanciamento entre a Linguística e o ensino de leitura na educação básica? Que movimentos teóricos e institucionais ajudam a diminuir esse afastamento?

VP - Sim. Um motivo pode decorrer do conhecimento normativo que parece dominar ainda entre os professores da Educação Básica em confronto com o conhecimento científico baseado na Linguística. Outro motivo pode estar no entendimento de que a Linguística deve ser ensinada no Ensino Superior e que a Gramática Normativa deve ser ensinada no Ensino Fundamental. Desse modo, a aproximação da Linguística e do ensino da leitura na Educação Básica tem suas complexidades. Talvez seja prudente evitar desqualificação de qualquer

dos caminhos, sendo mais oportuno qualificar todos em seus pontos produtivos, explicitando os pontos convergentes e os divergentes. O mesmo vale para as teorias e para os procedimentos metodológicos. Pode colaborar para essas aproximações o fato de os professores fazerem exposições sobre estudos de Linguística por eles realizados em determinados momentos de sua formação. Pode também ser interessante o professor organizar um módulo de ensino da leitura explorando, por exemplo, pistas linguísticas do texto com base na Psicolinguística e essas mesmas pistas com enfoque normativo. Módulos assim organizados podem estimular boas discussões na sala de aula.

Na formação inicial de professores de Língua Portuguesa, que lacunas você identifica no que se refere ao ensino da leitura e à compreensão textual?

VP - Creio serem bastante nítidas as lacunas psicolinguísticas, especialmente em relação à cognição e à metacognição, ao processamento cognitivo e metacognitivo, às estratégias de leitura cognitivas e metacognitivas e ao uso da língua e à consciência nesse uso.

Que conhecimentos da Psicolinguística você considera fundamentais para que o professor compreenda as dificuldades leitoras de seus alunos?

VP - São muito importantes os conhecimentos sobre decodificação e compreensão, em seus desdobramentos. Na compreensão leitora, especificamente, são fundamentais conhecimentos sobre variáveis da leitura (objetivo da leitura, natureza do texto, pistas linguísticas e conhecimentos prévios), gêneros e tipos textuais, uso da língua e consciência no uso, estrutura do texto, processamentos e estratégias de leitura, e organização linguística do texto (coerência, coesão).

Como equilibrar, na formação docente, fundamentos teóricos sólidos e práticas pedagógicas efetivas, especialmente no ensino da leitura?

VP - Cabe ao professor da turma primeiramente definir os fundamentos teóricos indispensáveis e as práticas que sua experiência indica como produtivas. A seguir, é importante estabelecer uma progressão dos tópicos e modos de ensino. Posteriormente, é o momento de preparar os materiais de ensino em suas práticas apoiadas nos fundamentos pertinentes. A aplicação dos materiais de ensino deve ser acompanhada de análises dos fundamentos teóricos utilizados. Em meu entendimento esse caminho tem maior adesão do que o inverso.

A noção de estratégias de leitura aparece com frequência em documentos curriculares. Como evitar que esse conceito seja tratado de forma superficial ou meramente prescritiva na formação de professores?

VP - Costumo analisar primeiramente os usos e significados da expressão, conforme o senso comum e conforme os campos do conhecimento. A seguir, apresento e explicito as estratégias de leitura mais frequentes na literatura sobre o assunto. Paralelamente, situo essas explicitações nos campos de conhecimento, especialmente na Psicolinguística e campos em interação, indicando os autores e as fontes bibliográficas.

Em sua avaliação, de que modo a formação continuada pode contribuir para que professores revisitem concepções de leitura ainda centradas apenas na decodificação?

VP - Tive formação continuada como professora de EFI⁶ no início de minha carreira. Ela contemplava todos os conteúdos previstos nos programas de ensino, como o indicado nesta questão. Em dois sábados por mês os professores se dirigiam a uma escola próxima que recebia professores da região. A supervisora da SEC, uma professora muito experiente, fraterna e envolvente, conversava com o seu grupo sobre as dificuldades que tinham no ensino – conteúdos, metodologias, materiais... Então eram selecionadas as mais apontadas de modo a organizar a agenda seguinte. No encontro posterior, a supervisora conversava com os professores fazendo demonstrações com os materiais. Também fazia parte da formação continuada a análise dos programas de ensino organizados por série, disciplina e conteúdo – claros, curtos, precisos e simples. Ainda integrava a formação continuada a *Revista do Ensino*⁷ contendo artigos com prática e teoria em interação, que integrava o acervo das bibliotecas das escolas.

Que papel a pesquisa do próprio professor – como pesquisador de sua prática – pode desempenhar na qualificação do ensino da leitura?

VP - Creio sempre em que o profissional que faz pesquisa se torna um observador mais agudo e um executor mais consciente – em qualquer profissão. Desse modo, também o profissional do ensino. Se pesquisar a prática de outros professores, terá o ganho de conhecer caminhos que talvez ainda não conheça. Se o professor pesquisar sua própria prática, terá o ganho de conhecê-la melhor e perceber seu nível de produtividade e as possibilidades de alteração.

Que conselhos você daria a professores iniciantes que desejam fundamentar sua prática em bases científicas, sem perder de vista as especificidades da sala de aula?

VP - Esses conselhos seriam em primeiro momento numa dimensão ampla salientando as relações entre ciência e ensino. Com base neles, em segundo momento, haveria alguns mais voltados para o ensino com apoio científico na sala de aula. Quanto às relações entre ciência e ensino, diria como ponto inicial que buscassem os significados dessas duas palavras. Em continuidade, com base numa situação com a leitura, por exemplo, diria que verificassem o que seria da ciência e o que seria do ensino. Diria, a seguir, que identificassem situações de trabalho com a leitura, contemplando ciência e ensino. Fechando esse bloco, recomendaria que

6 Ensino Fundamental I é compreendido como os cinco primeiros anos da educação básica.

7 A professora Vera menciona a *Revista do Ensino* publicação destinada a rede municipal de ensino de Porto Alegre-RS que esteve em circulação entre os anos de 1951 a 1963. Para conhecer melhor a proposta e a ideia desta revista, recomenda-se a leitura do trabalho *Lições do Passado para o Presente: A História da Educação na Revista do Ensino/RS (1951-1963)*, de Maria Helena Camara Bastos, disponível em <http://hdl.handle.net/10923/8482> (acessado em 03 de abril de 2026).

refletissem sobre as consequências para o aprendizado pelas crianças se as situações de trabalho na sala de aula desenvolvessem apenas uma das dimensões.

A Jornada Internacional de Alfabetização, idealizada e criada por você, tornou-se um espaço relevante de diálogo entre pesquisadores e professores. O que motivou a criação desse evento?

VP - Meus primeiros momentos como professora foram no Ensino Fundamental I atuando em escola pública estadual e em escola particular. Sempre meus parceiros de trabalho foram os alunos – tanto escolares como acadêmicos. Tenho clara convicção de que minha evolução científica e pedagógica aconteceu por meio deles.

O interesse específico pela alfabetização, a construção do ALETRA RS⁸, a criação da *Jornada de Alfabetização* não foram diferentes. Numa manhã de apresentação de estudos realizados por pós-graduandos, numa Universidade situada em Porto Alegre-RS, houve acaloradas discussões sobre a expressão consciência fonológica num forte debate entre concordantes e discordantes. Como usualmente, coloquei toda minha energia para ouvir uns e outros. Ao término do evento me movimente para sair, mas não foi possível, pois me vi cercada por alguns alunos que diziam com muita emoção – “*temos de fazer alguma coisa*”. Respondi que “*poderíamos nos reunir mais adiante*”... Disseram então – “*agora... tem de ser agora!*”. E assim fomos descendo as escadas até o centro de linguagem em que eu atuava. E tudo começou... e continuou com aquele grupo que permanece até hoje, com inserções novas constantes.... Talvez como uma energia que ocupou aqueles espaços, recebi da coordenadora do Programa um grupo de fonoaudiólogas para orientação de mestrado. Mais adiante recebi mais uma fonoaudióloga com formação também em Comunicação Social. Mais adiante, chegou outra fonoaudióloga para pós-doutorado... Assim aconteceu conosco o advento da alfabetização, da consciência linguística, do Aletra RS e das Jornadas de Alfabetização – hoje com a XXII em preparação pela UESB – com a participação de instituições nacionais e internacionais. Há que agradecer, não é mesmo?

Quais lacunas na formação de professores alfabetizadores a Jornada buscou preencher desde suas primeiras edições?

VP - Bem... as lacunas foram próprias das convicções teóricas do momento inicial e que de alguma forma ainda perduram – a visão construtivista da alfabetização que percebia o processo de alfabetização conforme os trabalhos de Ferreiro. Nesse direcionamento as lacunas estavam teoricamente nos conhecimentos sobre consciência linguística (em suas dimensões) e na manipulação das unidades linguísticas. Quanto ao texto, era utilizado o texto coletivo construído pelo professor com a colaboração dos alunos. Os procedimentos metodológicos eram apoiados pelas definições teóricas construtivistas. As Jornadas vêm empenhadas em trabalhar

8 O ALETRA foi idealizado por alunos e professores da pós-graduação em Letras da PUCRS, em 2007. Desde 2016 é um *programa de extensão* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Para conhecer mais o projeto acesse o site: <https://www.ufrgs.br/aletra/>.

com essas lacunas. Temos feito isso por meio de palestras, mesas, simpósios, comunicações, relatos de experiência, minicursos... Esse tem sido o caminho das Jornadas.

Como você avalia o impacto da Jornada na circulação do conhecimento científico sobre alfabetização e leitura no Brasil?

VP - Percebo que os professores aguardam cada Jornada e participam de diferentes modos. Os conteúdos desenvolvidos vêm sendo reconhecidos progressivamente aos poucos e com vantagem para os grupos da fonoaudiologia e das letras. A situação tem algumas complexidades nos grupos de outros campos em que parece haver uma adesão ainda maior ao modelo construtivista. Tal condição pode estar vinculada aos conhecimentos de domínio dos grupos com formação nessa direção, o que é razoavelmente previsível.

Um dos diferenciais da Jornada é a articulação entre pesquisa acadêmica e prática pedagógica. Como esse diálogo tem sido construído ao longo das edições?

VP - Metodologicamente, consiste em marcar de cada Jornada a interação – teoria e prática; ensino, pesquisa e tecnologia; universidade e escola; fala. Leitura e escrita... Essa perspectiva tem estado presente em todos os tipos de atividades – palestra, mesa, simpósio, comunicação, relato de experiência, minicurso... As ementas norteadoras dessas atividades acentuam essa perspectiva. Ao final de cada grupo de atividades há espaço para conversas e debates conforme interesses dos participantes.

Que temas recorrentes emergem das discussões da Jornada e revelam desafios persistentes no campo da alfabetização?

VP - Os temas que emergem estão vinculados às ementas, sendo de certo modo distribuídos mas também persistentes no que se refere à prática pedagógica. Enfim como organizar o ensino de determinado tópico, preparar os materiais de ensino, lidar com as diferenças entre os alunos, elaborar atividades para os diferentes níveis de consciência linguística, explorar as diferentes unidades linguísticas. Há também questões mais pontuais – Como trabalhar com a leitura se ainda não leem? O alfabeto deve ficar exposto? Que tipos de letras usar? Uma certa repetição é previsível na medida em que há uma certa variação nas participações.

Na sua perspectiva, qual é o papel de eventos científicos como a Jornada na resistência a abordagens simplificadoras ou ideologizadas do ensino da leitura?

VP - Os participantes que buscam eventos científicos como as Jornadas já estão de certo modo conscientes de que essas idealizações existem, mas já possuem algumas defesas a esse respeito. Estão, portanto, esperando análises mais consistentes do que as usuais. Nas Jornadas, os palestrantes e os expositores reconhecem essas situações e se preparam para explicações com a necessária complexidade. Então nas Jornadas que conduzimos nosso empenho é expor as necessárias evidências científicas. Isso não significa que os participantes saiam do evento em serenidade

plena, pois esses vão também a outros eventos com outras perspectivas. Daí a dificuldade de avanço dos conhecimentos científicos próprios para o estágio atual da alfabetização.

Que perspectivas futuras você vislumbra para a Jornada Internacional de Alfabetização e para a formação de professores alfabetizadores no país?

VP - O quadro que se apresenta é preocupante. A formação de alfabetizadores no país é bastante marcada pelos posicionamentos institucionais fortemente politizados – especialmente os oficiais que dão direcionamentos para a educação com grande viabilidade em períodos determinados e ao longo dos tempos. Também é marcada pelos documentos oficiais que, em seus direcionamentos, evidenciam entraves e oscilações pouco aceitáveis. As Jornadas têm um largo espaço para se movimentarem, o que lhes dá oportunidade de continuidade e avanço. No entanto, não está imune a essas condições assinaladas.

Como você visualiza os estudos de leitura e linguagem nos próximos anos no Brasil?

VP - Os estudos realizados pelas Humanidades sofrem hoje para seu avanço, dadas as condições sociais e econômicas do Brasil. Nesse quadro estão os estudos sobre linguagem e sobre leitura. As chances melhores deverão ser para os estudos sobre leitura, especialmente por serem esses que estão construindo mais evidências científicas.

Quais temas emergentes você acredita que merecerão mais atenção na pesquisa em leitura e compreensão?

VP - Creio que os estudos psicolinguísticos com apoio das Neurociências poderão ser mais frequentes por apresentarem as desejadas evidências do funcionamento cerebral durante a leitura. Já os estudos psicolinguísticos com apoio da Psicologia Cognitiva poderão tomar como direcionamento a cognição e a metacognição, a consciência linguística e as estratégias de leitura. Os estudos psicolinguísticos em interação com as Tecnologias podem contribuir para a construção de novos caminhos de ensino da leitura.

Que conselho você daria para jovens pesquisadores que desejam seguir na interface entre linguística e educação?

VP - Daria como conselhos: tenham coragem; sejam determinados e perseverantes; leiam e estudem; escrevam e publiquem seus textos; creiam na educação; apostem na Linguística; pesquisem, ensinem e aprendam; orgulhem-se de seu trabalho; amem suas escolhas; e... sejam felizes.

Há alguma leitura, autor ou obra que você considera imprescindível para quem pesquisa leitura e linguagem?

VP - Considero necessário ter na própria estante: *Os Neurônios da Leitura*, de Stanislas Dehaene; *Psicolinguística Aplicada ao Ensino de Línguas*, de Tatiana Slama-Cazacu; *Metalinguistic development*, de Jean Paul Gombert; *Compreendendo a leitura*, de Frank Smith; *A Linguística Textual*, de Jean-Michel Adam.

Que mensagem final você deixaria para professores, pesquisadores e leitores sobre o papel da leitura na formação humana?

VP -

Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.

- Mário Quintana